



### **Texto 3**

#### Ensinar Arquitetura. Aprender Arquitetura

Peter Zumthor<sup>1</sup>

Os jovens que chegam à universidade com o objetivo de se tornarem arquitetos querem saber se têm as habilidades necessárias. Qual é a primeira coisa que devemos ensiná-los?

Antes de mais nada, precisamos explicar-lhes que seus professores não são pessoas que fazem perguntas cujas repostas já sabem de antemão. Exercitar-se em arquitetura significa fazer seus próprios questionamentos, encontrar suas próprias repostas, com a ajuda do professor; lapidar, descobrir soluções. À exaustão.

A força de um bom projeto encontra-se em nós mesmos e na nossa capacidade de perceber o mundo, ao mesmo tempo, de modo emocional e racional. Um bom projeto de arquitetura é atraente. Um bom projeto de arquitetura é inteligente.

Todos nós experimentamos a arquitetura mesmo antes de ter ouvido falar dela. As raízes da nossa compreensão da arquitetura encontram-se no nosso dia a dia: nosso quarto, nossa casa, nossa rua, nosso bairro, nossa cidade, nossa paisagem – cedo experimentamos isso tudo, de modo inconsciente, e mais tarde compararemos essas referências com os campos, cidades e casas que, então, vivenciaremos. As raízes da nossa compreensão sobre arquitetura encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: elas se encontram na nossa biografia. Os estudantes devem aprender a trabalhar conscientemente com suas experiências pessoais sobre arquitetura. As tarefas que lhes são propostas pretendem desencadear este processo.

Podemos nos perguntar o que foi que gostamos nesta casa, nesta cidade, o que nos impressionou e nos tocou – e por quê. Com o que era parecida a sala, a praça? Com o que ela realmente se parecia? Que cheiro havia no ar? Como soavam meus passos e a minha voz naquele espaço? Como eu percebia a maçaneta da porta? Como era a luz nas fachadas? O brilho nas paredes? Havia sensação de estreiteza ou de amplitude, de intimidade ou grandeza?

Assoalhos de madeira como membranas leves, massas pesadas de pedra, tecidos macios, granito polido, couro maleável, aço bruto, mogno polido, vidro transparente, asfalto mole aquecido pelo Sol...materiais dos arquitetos, nossos materiais. Conhecemos todos eles. Contudo não os conhecemos. Para projetar, inventar arquitetura, precisamos aprender a manipulá-los de modo consciente.isto é pesquisa; isto é trabalho de memória.

A arquitetura é sempre uma matéria concreta. A arquitetura não é abstrata, mas real. Um esboço, um projeto desenhado em papel, não é arquitetura, mas simplesmente uma representação mais ou menos imperfeita de arquitetura, comparável a uma partitura musical. A música precisa ser tocada. A arquitetura precisa ser executada. Então forma-se seu corpo. E este corpo é sempre atraente.

---

<sup>1</sup> ZUMTHOR, Peter. *“Teaching architecture, learning architecture”*. In Thinking Architecture. Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999. Tradução do Capítulo: Paulo Sergio Scarazzato

Todo trabalho de projeto começa com a premissa desta atração física, objetiva da arquitetura, de seus materiais. Experimentar a arquitetura de um modo concreto significa tocá-la, vê-la, ouvi-la e cheirá-la. Descobrir e conscientemente trabalhar com essas qualidades – estes são os temas das nossas aulas.

...

Trazemos conosco imagens das arquiteturas que nos influenciaram. Podemos chamá-las à memória a qualquer tempo e reexaminá-las. Mas de tal base não nasce nenhum novo projeto, nenhuma nova arquitetura. Cada projeto pede novas imagens. Nossas imagens “antigas” apenas podem nos ajudar a encontrar as novas.

Pensar em imagens quando se está projetando significa pensar no todo. Por sua própria natureza, a imagem é sempre o todo da realidade imaginada: parede e piso, teto e materiais, características da luz e das cores de um ambiente, por exemplo. E sempre vemos todos os detalhes das transições do piso para as paredes, e das paredes para as janelas, como se estivéssemos vendo um filme.

Muitas vezes, entretanto, esses elementos da imagem não estão lá quando iniciamos um projeto e tentamos formar uma imagem do objeto desejado. No início do processo de projeto, a imagem costuma ser incompleta. Então tentamos repetidamente rearticular e esclarecer nosso tema, acrescentar as partes perdidas à nossa imagem. Em outras palavras, projetamos. A convicção de que as imagens que imaginamos são reais, ajuda-nos neste objetivo. Ajuda-nos a não nos perdermos em suposições áridas, abstratas e teóricas; ajuda-nos a não perder de vista as qualidades tangíveis da arquitetura. Ajuda-nos a não nos apaixonarmos pela qualidade gráfica dos nossos desenhos e a confundir-los com a verdadeira qualidade da arquitetura.

Produzir imagens interiores é um processo natural comum a todos nós. Faz parte do nosso pensar. Pensar em imagens associativas, selvagens, livres, ordenadas e sistemáticas, em imagens arquitetônicas, espaciais, coloridas e atraentes – esta é a minha definição preferida de projeto.